

MARIA QUITÉRIA DE JESUS, HEROINA BRASILEIRA

HENRIQUETA GALENO

Vimos ocupar-nos de uma figura singular, que, pelo seu grande amor à Pátria ascendeu às culminâncias da glória.

Maria Quitéria de Jesus é a mulher valorosa que insculpiu seu nome na História pelos memoráveis feitos guerreiros, durante a luta pela Independência do Brasil

Avulta ainda mais a ação da nossa heroína, se atendermos ao meio ambiente em que viveu, num vilarejo da Bahia, numa fazenda do sertão, onde mais fortes eram os preconceitos. As jóvens sertanejas, naquela época, apenas tinham o direito de obedecer aos pais ou espôso, coser, cuidar da casa e dos filhos. A instrução que recebiam era sobremodo escassa: aprendiam certas prendas domésticas e algumas sabiam ler e escrever rudimentarmente. Não gozavam sequer da liberdade de amar e ser amada, pela livre escolha de seu coração. Tinham que aceitar o espôso que lhe era indicado pelos pais e a êle permanecer fiel, sob pena de receber o anátema da sociedade mesquinha a que pertenciam.

No século XVIII, agitava-se, nas plagas brasileiras, a luta pela Independência. D. João VI, que num gesto espontâneo e compreensivo dera o passo inicial pela liberdade, com a concessão da livre navegação, ao entregar a direção do Reino ao Príncipe Pedro, seu filho primogénito, fê-lo com palavras algo proféticas sobre os acontecimentos iminentes. O velho monarca o cordara na alma moça do Príncipe o sentimento do amor à Pátria, sentimento que, mais tarde, com o desenrolar dos acontecimentos, se afirmou no memorável dia do "Fico" e teve o epílogo magnífico do 7 de Setembro de 1822.

Trava-se, então, a luta pela emancipação política das Províncias onde imperava o jugo português e que, submissas a Portugal, não queriam reconhecer a autoridade do Príncipe. Piauí, Maranhão, Pará, a Cisplatina e a Bahia sacrificaram vidas para impor a sua emancipação política. E a Bahia sofreu particularmente a prepotência das tropas lusas, sob o mando do General Madeira de Melo,

que já estava em plena hostilidade naquele rincão desde fevereiro de 1822, quando pela liberdade, com a concessão da livre navegação, ao entregar a direção do Reino tuição ao General brasileiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães, que, pelo seu espírito de justiça, era muito respeitado e estimado pela população. A nomeação de Madeira de Melo não tinha os requisitos legais exigidos; daí, surgirem as discussões, a demora da sua posse no cargo. Ao investir-se nas suas funções, começou a impor-se pela arrogância e poderio dos seus atos, estabelecendo-se, então, o conflito entre brasileiros e portugueses, que determinou cenas dolorosas, vandálicas até, cometidas pela tropa portuguesa. Nesta conjuntura, a Vila de Santo Amaro reuniu os seus vultos mais representativos para delinarem um plano de intensa ofensiva aos lusos, estendendo-se a centelha revolucionária a S. Francisco, Cachoeira e a outros recantos. A capital estava sob o domínio das tropas portuguesas, que cada dia mais odiosas se tornavam pelas arbitrariedades e crueldades que praticavam, salientando-se o assalto ao Mosteiro da Lapa, onde foi assassinada, com requintes de barbaridade, a indefesa Abadessa Joana Angélica.

Ante a atitude da forte hostilidade lusa, manifestou-se o sentimento de liberdade dos filhos da terra, numa intensa vibração patriótica. O historiador Barros Vidal assim nos fala sobre aquêlo momento:

"Tôda a província da Bahia era um incêndio de crepitações intensas. Impressionante a atividade bélica que então se desenvolvia. Em cada canto se erguia um arsenal e em quase tôdas as casas cortavam-se fardas, preparavam-se barretinas, acertavam-se correames e limpavam-se velhas armas. Era um frêmito de entusiasmo que passava por todos aquêles espíritos. Uma única preocupação: armar-se para combater os dominadores. Um único desejo: libertar a Pátria algemada. E causava pasmo o carinho com que as mães preparavam os filhos para a luta; o orgulho com que as espôsas se despediam dos maridos que marchavam para a guerra. E a onda de entusiasmo corria pela velha Província avassalando todos os nervos e penetrando todos os lares."

A mulher bahiana num gesto tocante que muito a elevou, demonstrou a sua solidariedade aquela augusta causa, enviando, por Manuel Inocêncio Pires Carmargo, uma mensagem à Princesa Leopoldina, a nobre cooperadora da nossa Independência, na qual ofereciam as suas jóias para o custeio das despesas.

As mães embalavam os filhinhos, entoando canções patrióticas, sendo esta copla uma das mais usadas:

"Acalenta-te, ó menino,
Vai dormir, para crescer,
O Brasil precisa filhos,
Independência ou morrer."

Dai por diante, mais intensa se tornava o avanço dos nossos defensores, cuja bravura foi sem precedentes. Era esta a situação da Província, quando foram

despachados emissários para os sertões, a fim de conquistarem voluntários para a defesa da Pátria, em perigo naquela região.

Aquêle frêmito de entusiasmo estendeu-se por todos os recantos da terra bahiana, penetrando em todos os lares. E assim atingiu a casa do fazendeiro Gonçalo Alves de Almeida, situada na serra da Agulha; era uma fazenda abastada, rica em criação de gado, e possuía vastos algodoais. Gonçalo Alves era homem simples, que se ocupava exclusivamente em desenvolver sua fazenda, cuidar da família, não se esquecendo também, devido ao seu temperamento ardente, de aumentar a prole com vários filhos espúrios. Era indiferente, portanto, à causa, pela qual se batiam os nossos valorosos defensores. Não podia compreender o elevado sentimento de amor à Pátria. Recebeu o emissário que lhe bateu à porta, ofereceu-lhe larga hospitalidade, ouviu-lhe atenciosamente os arroubos oratórios e disse-lhe depois que lamentava ser criança ainda o único filho varão que possuía, o qual não podia assim, servir à nobre causa. Não oferecia alguns escravos porque êstes não valorizariam, antes desmereceriam a luta. Aguardaria o resultado final da contenda, e seria com prazer súdito do vencedor.

Na sala em que palestravam, se achava a família que de tudo ficou ciente, e as palavras ardorosas do emissário, sem nenhum resultado para o fazendeiro, produziram, entretanto, na alma de sua jóvem filha Maria Quitéria efeito tão surpreendente que, vencendo a timidez natural, ela imediatamente assim se dirige ao pai: — “É verdade que não tendes um filho, mas lembrai vos de que as bahianas do Recôncavo manejam as armas de fôgo e o exercício da caça não é mais nobre do que a causa da Pátria. Tenho o coração abrasado; deixai-me ir disfarçada empunhar as armas em tão justa guerra.”

— As mulheres, respondeu o velho, fiam, tecem, bordam e não vão à guerra.

A filha calou-se, suspirando tristemente; o emissário admirando o contraste que se dera entre o pai e a filha, louvou tanto patriotismo, elogiou tão nobre empenho e retirou-se.”

*

* *

Maria Quitéria, filha de Gonçalo Alves de Almeida e de sua mulher Quitéria Maria de Jesus, nasceu no sitio do Licorizeiro, freguesia de S. José das Itaporocas. Ali, passou os primeiros anos de sua infância, aproximadamente até os 10 anos de idade. Gonçalo Alves, ativo e muito trabalhador esforçava-se por encontrar terras mais férteis que lhe dessem maiores proventos. Compra, então, a fazenda Serra da Agulha, para onde passa a viver com sua família. A referida fazenda tem o nome de Serra de Agulha, em virtude da massa de granito de 250 metros que domina os seus férteis campos, os famosos campos da Cachoeira.

O Visconde de Taunay, no seu livro “Grandes Vultos da Independência Bra-

sileira", diz que os biógrafos ignoram a data do nascimento da nossa perfilada, mas o historiador Fernando Alves, em sua bem feita biografia, esclarece este ponto, estampando a certidão de batismo, extraída da fôlha do livro de batismo da Freguesia de Itaporocas, e que registra o nascimento de Maria Quitéria aos 27 dias do mês de julho de 1798.

Muito criança ainda ficara órfã de mãe. Quase não sentira, portanto, a dorçura dos carinhos maternos. O pai logo contraíu segundas núpcias com Maria Eugênia de Jesus, senhora de gênio moderado, que tratava a enteada com relativa bondade. Mas, dentro em pouco, morria esta segunda mulher de Gonçalo Alves, casando-se êle pela terceira vez com Maria Rosa de Brito, que foi para a enteada uma madrastra, na geral acepção da palavra.

Maria era de temperamento vivo, irrequieto, expansivo. Gostava de correr livremente pelos campos, manejar armas de fogo, nas quais se exercitara admiravelmente caçando. Gostava de montar e domar cavalos apontados como perigosos. A caça era o seu esporte favorito, notabilizando-se na pontaria certa e infalível.

A madrastra não suportava aquêle seu modo diferente do das outras jóvens de sua idade, e pretendeu modificá-lo a seu modo; não teve porém, habilidade necessária para o mister que requeria delicadeza e tolerância. Repreendia a enteada com dureza e, nas pequenas contendas entre os irmãos, nunca se decidia a seu favor, por mais clara que a razão estivesse a seu lado. Essa situação doméstica tornou Maria ainda mais amante da vida do campo, para fugir de um ambiente que se lhe tornara insuportável. A desinteligência fôra determinada, não há duvida, pela falta de compreensão de D. Rosa em apreender a natureza nada vulgar de enteada.

Maria era o pássaro livre que esvoejava pela amplidão das várzeas e campinas, aspirando o ar puro, trepando às arvores colhendo frutos e assim forte, alegre, destemida, hauria a vida plenamente. Jamais se submeteria à existência reclusa. Era uma bonita menina e, no entanto, não se lhe conhece nenhum caso amoroso. Mostrava-se até um tanto indiferente aos rapazes que a cercavam, e dentre êstes houve um que se tomou de grande paixão pela jovem sertaneja — Gabriel Pereira de Brito, que tudo fêz para merecer-lhe as atenções, conseguindo apenas a vaga promessa de que mais tarde seria resolvido aquêle caso.

È, pois, para admirar que aquela jóvem de pouca instrução e que até ali não se deixara enredar na trama do amor, ao ouvir a narração do emissário patriota, sentisse o coração despertar, num arrebuo de amar à Pátria, isso de tal sorte que passou por cima de todos os preconceitos de uma época com relação ao seu sexo, e não atendeu à ordem inflexível de seu velho pai. Saltou por sôbre todos os obstáculos, indiferente aos perigos imensos que ia enfrentar, decidida a ir alistar-se nas fileiras do Exército patriótico, disfarçando-se em rapaz, para defender a terra do seu nascimento, que ela então sentira ser o seu maior amor.

Sua determinação foi pronta e decisiva. Correu à casa de sua irmã Teresa, casada com José Cordeiro Medeiros, e contou-lhe o que ouvira do emissário, e manifestou à irmã sua vontade de alistar-se nas fileiras das tropas combatentes. Pe-

diu-lhe que lhe desse algumas roupas de seu marido, para que ela, disfarçando o sexo, fôsse aceita. A irmã acedeu prontamente, e ainda teve palavras cheias de patriotismo.

No dia seguinte, pela manhã, seguia Gonçalo Alves para a vila de Cachoeira, onde ia vender algodão. Nunca poderia supor que em suas pegadas seguia, fugindo à autoridade paterna, a filha primogênita. Ao avistar Cachoeira, afastou-se do pai e entrou na vila. Daí a dois dias, um soldado esbelto, pele queimada pelo sol, feições delicadas, fazia a guarda do Quartel do Regimento de Artilharia. Esse soldado era Maria Quitéria.

Como o serviço do Batalhão de Artilharia era muito pesado, dentro em pouco ela conseguiu passar para o Batalhão de Caçadores ou Voluntários do Príncipe D. Pedro. Comandava esta fôrça o Major José Antônio da Silva Castro. Esse Batalhão era chamado dos Periquitos, por usarem os seus soldados a gola e os punhos da farda de côr verde.

Maria Quitéria se apresentara ao Comandante da tropa com o sobrenome do seu cunhado Medeiros, para ocultar a sua procedência. Longe estava de supor que dentro em breve seu genitor a identificaria. Ouçamos o que nos diz o Ilustre historiador Pereira Reis Junior:

"Enquanto Maria vê realizado o seu desejo, Gonçalo Alves a procura por tôda parte — Santa Bárbara, Tanquinho, S. José... Não a encontrando, volta à Cachoeira, lembrando-se das palavras por ela proferidas, em presença do emissário, e na vila, não se sabe como, é informado de que Maria está no Batalhão dos Periquitos. Imediatamente vai ao seu encontro, e vê que outro não é o soldado Medeiros senão a sua filha. Emocionado, reprova-lhe o procedimento, tentando dissuadi-la do seu intento; Maria, porém, não lhe cede aos reclamos. Está inabalável no seu propósito de defender a Pátria.

Diante dessa resolução, Gonçalo procura o Comandante do Batalhão, conta-lhe o ocorrido e solicita retirada da filha. Maria, porém, já havia suplicado ao Major Castro sua interferência junto ao pai, no sentido de não consentir no seu afastamento do campo da luta. Gonçalo ouve o Major, que lhe transmite o nobre apêlo de sua filha, e após forte relutância, cede aos seus caprichos, porém a amaldiçoa".

As operações militares brasileiras estavam confiadas ao brigadeiro Pedro Labatut que organizou o exército pacificador, de ação efficientíssima durante aquela árdua luta. A frente do Batalhão do Imperador se achava o valoroso Cel. José Joaquim de Lima e Silva. Mais tarde, chega a nossa esquadra sob as ordens do Almirante Cochrane. Daí por diante fecha-se o cerco ao inimigo, sucedem-se, por terra e por mar, as escaramuças, os combates, sem lhe deixar um momento de tregua.

A Bahia, num movimento de rara bravura, aclamara a Regência Pedro I, em 25 de junho de 1822, antecipando-se, na conquista da liberdade nacional, ao épico grito do 7 de setembro, em Ipiranga — grito heróico que, qual clarinada

redentora, reboa por tôda a vastidão da Pátria. Dali por diante mais renhidos foram os combates em terras bahianas.

Dentre os nossos intrépidos defensores distinguiu-se a nossa varonil seretaneja, pelo manejo fácil das armas de fogo, pela pontaria admirável e indômita bravura demonstrada em todos os lances perigosos em que figurou. O culto historiador bahiano, Prof. Bernardino José de Sousa, afirma que, "nos campos de batalha, ao ressoar os primeiros clangores do clarim guerreiro, em frente às sinas do inimigo, ninguém mais impávido, sereno e abnegado na conquista da liberdade de sua Bahia".

E Maria Quitéria de Jesus, num rasgo de grande valentia e raro destemor, sobressalou-se na defesa da foz do Paraguassu. Opôs-se ali ao desembarque das tropas de Madeira de Melo, dirigindo um grupo de heróicas mulheres bahianas; desenvolveu lances de verdadeiro heroísmo, naquela pugna.

O denodado oficial Victor José Topásio, chefe da defesa da barra daquele rio, em officio, resalta a valentia do soldado Medeiros. A sua ação, neste feito, foi registrada pela lira de Ladislau dos Santos Titara, que foi também soldado combatente, o qual num arroubo de inspiração, exclama:

"Tu, destemida Pentésilia heróica,
Tinta de iras, rancor e tôda fogo,
Mais e mais nalma delas sopras flâmas
E, exemplar condutora, a todos bradas".

Em todos os recontros, ainda mais encarniçados, encontrava-se sempre a nossa varonil combatente empunhando o fusil, corajofsa, no fragor das metralhas.

Em 31 de março de 1823, o Comandante interino do Govêrno da Província determinou que fôsse entregue a D. Maria Quitéria de Jesus, então cadete, uma espada e os seus acessórios. Assim, combativa e indomável, com abnegado espírito de sacrifício, ela ascendia, em rutilâncias, na admiração de seus companheiros de refrega. Nos tremendos ataques de Itapoan e Conceição, a ação de Maria Quitéria foi extraordinária, escalando trincheiras, desarmando homens e trazendo prisioneiros dois combatentes inimigos que foram recolhidos ao acampamento brasileiro. Os Comandantes das tropas, Labatut, Lima e Silva e os demais, em vários comunicados oficiais afirmaram "que D. Maria Quitéria de Jesus nos combates em que entrara e em tôda campanha se distinguiu por indizível valor e intrepidez".

O prepotente Madeira de Melo, dispondo de artilhados fortes e sólidas trincheiras, recebendo de continuo numerosos reforços de Portugal, e contando com cêrca de dez mil homens bem fardados e equipados, viu-se, não obstante êste poderio bélico, dentro em pouco, numa conjuntura difficilima, e, num último arranco, procura organizar um plano de ataque que julgou infalível: —

deixou que o grosso do Exército Brasileiro se concentrasse no Campo de Pirajá, para all oferecer a batalha decisiva. A êsse tempo, era insustentável já sua situação; apertado cada vez mais o sítio da capital e mantido rigorosamente o bloqueio do pôrto, tôdas as posições estratégicas da cidade e de todo o recôncavo estavam horóricamente defendidas pelas forças brasileiras. Dessa maneira cessou o abastecimento da cidade, escassearam os mantimentos, a despeito da medida tomada de Pirajá, onde o soldado brasileiro afirmou mais uma vez a sua bravura e e crianças.

Foi completo o malôgro das tropas portuguezas, nos renhidos encontros de Pirajá, onde o soldado brasileiro afirmou mais uma vez a sua bravura e entre os mais intrépidos salientou-se Maria Quitéria.

Ante a derrota de Pirajá, Madeira de Melo sentiu-se humilhado, reuniu seus lugares-tenentes e acertaram a retirada.

A valentia do soldado brasileiro no combate de Pirajá, foi proclamada pelo illustre poeta bahiano Agrário de Menezes, em belas estrofes, das quais relembramos estas:

Pirajá, no livro de ouro
 Em que tua glória luz,
 Tu és o maior tesouro
 Da terra de Santa Cruz.
 Tu és a fôlha brilhante
 Dessa memória gigante
 Que o passado nos rendeu.
 Tu és a página augusta
 Dessa crônica vetusta
 Que a liberdade escreveu.

.....

Coração — qual já tivemos —
 Não há mais quem possa ter;
 O sangue que aqui vertemos
 Ninguém quererá verter!
 Intrepidez, valentia,
 Guerra forte à Tirania
 Como aquela mais não há!
 Puro amor da Liberdade
 Eu só vi em outra idade
 Nos campos de Pirajá!

Verificando os sitiantes a evacuação da praça, apressaram-se em entrar na cidade. Essa entrada, que se efetuou no dia 2 de Julho de 1823, constituiu ver-

dadeira apoteose cívica. O vitorioso Exército da Liberdade, naquele agosto dia, foi penetrando na Capital, pelas estradas da Lapinha, de Brotas e do Rio Vermelho. Comandava a 1ª Divisão o Gal. Lima e Silva e a seu lado marchava a jovem combatente, em sua vistosa farda, à qual havia adicionado uma espécie de salote de lã. A tropa desfilou em meio a uma onda de entusiasmo indescritível, e a nossa heroína recebia, à passagem, os maiores e mais consagradores aplausos. Cena bem expressiva e tocante verificou-se quando o Exército da Liberdade desfiliava em frente ao Convento da Soledade, onde se erguia grande arco triunfal. Ali, o Gal. Lima e Silva fez alto, para receber as coroas de louros que as freiras ofereciam àquêles bravos, pela palavra do seu capelão Pe. Antônio José Gonçalves de Figueiredo. Ângela Joaquina, jovem educanda daquele Convento, colocou na cabeça de Maria Quitéria de Jesus a coroa que tecera de fôlhas verdes de caféiro. Lima e Silva, comovido ante a grandeza daquela manifestação, partida de corações que ainda sangravam ante a lembrança do inominável assassinio da mártir Joana Angélica, proferiu expressivo agradecimento. Essa lembrança ainda bem viva era testemunhada naquela consagração ao Exército da Liberdade por 4 rosas vermelhas, colocadas no alto do arco triunfal: eram os pontos luminosos dos maiores combates, feridos naquela pugna: Paraguassu, Itapoan, Concelção e Pirajá.

* * *

Finda a gloriosa campanha, a heroína bahiana quis ir pessoalmente levar a noticia a D. Pedro I. Segue para o Rio de Janeiro, onde desembarca, causando verdadeiro sucesso na Côrte. Atraía a atenção pública com o seu uniforme militar: calça, salote de lã, quepi e espada. Ornava-lhe o peito o distintivo dos Voluntários do Príncipe. A fama de sua coragem, de sua ação heróica espalhou-se por tôda parte: todos queriam ver a nossa primeira mulher soldado, que se portara com imenso patriotismo e valentia jamais desmentida.

O Imperador, com seu temperamento entusiasta e cavalheiresco, recebeu-a em audiência especial, para a qual convocara os mais altos dignatários da Côrte. Ele próprio coloca no peito da heroína a insígnia dos Cavalheiros da Imperial Ordem do Cruzeiro, proferindo as seguintes palavras: "Concedo-vos a permissão de usar esta insígnia como um distintivo que assinala os serviços militares que, com denodo raro, prestastes à causa da Independência do Império, na porfiosa restauração da Bahia".

Fêz-lhe ainda a mercê de conceder-lhe, por decreto especial, o sôldo de Alferezes de linha.

Foi nesta estada no Rio de Janeiro que a conheceu a escritora inglesa Maria Graham, que em seu livro de viagem ao Brasil, assinalou algumas passagens interessantes desse conhecimento, das quais transcrevemos as seguintes: "Maria Quitéria de Jesus tem inteligência clara e a percepção aguda. Penso que se a educassem, viria a ser uma personalidade notável. Nada se nota de masculino nos seus

modos, antes os possui gentis e amáveis. Não contralou nenhum hábito grosseiro ou vulgar durante a vida de acampamento, não se apontando nada que lhe desabone a honestidade.

Nada notei de peculiar no seu procedimento à mesa, a não ser que come ovos ao almôço e peixe ao jantar, com farinha, e nunca com pão, e que fuma um cigarro após cada refeição. No mais muito moderada."

Maria Quitéria, após ser condecorada pelo Imperador, dirigiu-lhe, bastante emocionada, a seguinte solicitação: "Já cumpri o meu dever como brasileira. Agora peço encarecidamente ao meu Imperador uma graça: uma ordem para que meu pai me perdoe a desobediência, por ter trocado a minha casa pelo campo da luta."

D. Pedro incontinenti expediu ao velho Gonçalo Alves a ordem solicitada.

Acontecimento extraordinário foi para a população do Rio de Janeiro a visita de Maria Quitéria àquela cidade. O povo corria para a rua, queria vê-la de perto e aclamá-la estrepitosamente; algumas mulheres choravam comovidas.

Deixa depois a nossa heroína a capital do Império e, sófrega, marcha em procura do velho lar. Tem pressa de aliviar a saudade que a torturava de seus campos natais. Chega à vila de Cachoeira, foge de encontrar conhecidos, aluga um animal e ruma em demanda da fazenda paterna. Na alpendrada da casa estavam conversando o velho fazendeiro, sua filha Teresa e outras pessoas da família, quando notaram que um cavaleiro, de vestimenta esquisita se dirigia para a casa. Ao aproximar-se, as mulheres, alvoroçadas, no auge da surpresa, reconhecendo o cavaleiro, gritaram — Maria! E o velho pai, sofrendo de certo, a satisfação de ver a filha de volta, mas com mostras ainda da mágoa de ter sido desobedecido, afasta-se indiferente à alegria que dominava naquele instante memorável. Mas, como nos diz o historiador Fernando Alves — o Alferes, que jamais perdera um combate, não iria recuar ante tão delicada batalha. Adiantou-se para o fugitivo, sem ligar importância à sua fisionomia contrafeita, entregando-lhe a ordem do Imperador.

Ante tamanha solicitação, abriu-se o coração do velho Gonçalo. Que incomparável mercê para ele, obscuro sertanejo, receber uma ordem de Sua Majestade!

Dali por diante, uma multidão imensa acudia à casa do velho Gonçalo Alves para ver de perto Maria Quitéria e ouvi-la, na narrativa dos seus feitos na guerra. Foi um acontecimento extraordinário a chegada da sertaneja, travestida de soldado, tendo combatido na guerra e falado com o Imperador! Tudo isto avultava, num crescendo admirativo, no espirito daquela humilde gente, para a qual Maria Quitéria se tornou figura singular.

Quando arrefeceu a curiosidade dos circunstantes, veio chegando, tímido e receoso, Gabriel Pereira de Brito, que se foi aos poucos insinuando no afeto de sua jamais olvidada Maria, até que concretizou, enfim, seu grande anseio — casar-se com a única mulher que amara na vida. Dêsse consórcio houve apenas uma filha, a que deram o nome de Luisa Maria da Conceição.

Passa, então, a nossa heroína a ter a vida comum das donas de casa sertaneja, vida monótona, sem divertimentos e cheia de trabalhos e cansaças.

Anos depois, morre-lhe o pai, em 25 de outubro de 1834, e no cumprimento do testamento ela foi prejudicada. Não se conformando com isso, protesta, tornando-se um caso algo rumoroso, de muito lenta decisão final, o inventário que, iniciado em 16 de março de 1835, somente em 22 de agosto de 1863 foi finalmente julgado.

Grande infelicidade veio ainda abater o ânimo forte daquela mulher extraordinária: cegou. Neste estado, pobre de recursos, viúva, falecia quase esquecida na Bahia, no distrito de Santana, em 21 de agosto de 1853.

No livro de óbitos da Freguesia de Santana, encontra-se o de Maria Quitéria — faleceu de inflamação no fígado e sepultou-se anonimamente no cemitério dali.

Como são passageiros os entusiasmos da multidão! Arrefecem com o decorrer dos dias, mas, felizmente para os verdadeiros valores da nossa História esta reclama as honras devidas, esclarecendo as gerações posteriores. O nosso intrépido Alferes da Independência não podia e nem devia permanecer no olvido, o que seria revoltante ingratidão!

Joaquim Noberto, grande historiador patricio, no seu precioso livro sob o título "Brasileiras Célebres", diz: "— Já quase que todos os heróis dormem no seu leito de glórias, entre os troféus em que nasceu o Império americano. Que a Pátria reconhecida jamais se esqueça de seus nomes, e que, ao repeti-los, rememore também o nome da mulher guerreira, que combateu pela sua liberdade, o nome de Maria Quitéria de Jesus.

Porque não soar também êle entre os hinos e as ovações do 2 de Julho? Porque a nossa História, muda para ela, não lhe consagrará também uma de suas brilhantes páginas?"

Maria Quitéria, com seu heroísmo, recebeu da Pátria verdadeira consagração cívica, em 1823. Em louvor de seus feltos belos versos se fizeram ouvir, cheios do maior entusiasmo. Franklin Dória, Barão de Loreto, poeta insigne, em seu livro "Enlevos", assim se expressa:

A H E R O Í N A

Vêde-a tão jovem, coração virgineo,
O amor da Pátria veemente o alaga:
Ela agora só cuida no extermínio
Dos que tomaram-lhe a risonha plaga.

.....

Nasceu, criou-se no sertão adusto,
A duros transes, a brincar, se afez,
Calejou no labor braço robusto;
Ao sol expoz-se que tisnou-lhe a tez.

Um dia soube de infernais cabalas;
Guerra! exclamaram; a partir não tarda:
E, perfiliada ante l'migas alas,
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Tem no semblante varonil reflexo;
Tem nos seus olhos faiscar de feras;
Santo respeito lhe grangeia o sexo,
Sua bravura mil espantos gera.

Por sôbre os ombros lhe zuniam balas,
Que vomitava a colossal bombarda:
E, perfilada ante as l'migas alas,
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Firme no pósto viu pender ferido
Mais de um valente que animava a Glória.
Enfim, o estranho foi por nós vencido,
E ela partilha de imortal vitória.

Alvaro Reis, numa bonita estrofe, de "Ao Sol das Batalhas", assim a exalta:

Jóvem, eletrizando os homens, sempre ao lado
Das bandeiras se via entre o fumo e o fragor
Das carretas, viril, o vulto delicado
De Maria Quitéria, incitando o valor!

Por ocasião da inauguração da Casa da Bahia, em 1923, data comemorativa da Independência da Bahia, Artur de Sales, em "Lances de Epopéia" exclama:

Como o teu vulto cresce, quando, envolta
No cerraceiro ardente da metralha,
Tua pequena mão crespa e revolta
Da trincheira bahiana a morte espalha!

O frio, a noite, a febre -- trega escolta
Por sepultura o campo de batalha,
A farda rota e rubra por mortalha,
O sim da ida e a dúvida da volta...

Eis do guerreiro a vida! E tu sorriste...
Dêsse país da guerra, belo e estranho,
Sempre se volta, sempre! E tu partiste...

Vamos humildes e voltamos grandes,
 E a nossa sombra fica do tamanho
 Da do Himalala superposto aos Andes!

Felizmente já se vem fazendo justiça à heroína da nossa Independência. Nos festejos comemorativos do Centenário da nossa libertação, o feito militar da estremeçada filha da Bahia foi ressaltado condignamente, em discursos e artigos escritos a esse respeito. A Prefeitura da Feira de Santana colocou, em lugar de relêvo, o retrato da heroína e deu o seu nome à Avenida mais importante daquele Distrito, gesto êste seguido pelas Escolas Reunidas da Praça Fróis da Mota.

O Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, em significativa homenagem, inaugurou o retrato de Maria Quitéria, no Pavilhão 2 de julho, "onde se guardam os símbolos da emancipação da Bahia." Por essa ocasião, a poetisa Selene Carneiro de Sousa declamou vibrantemente êste soneto de sua autoria:

A guerra... o som das trompas e os fragores!...
 E Maria Quitéria batalhava...
 Livrar dos lusitanos opressores
 A sua amada terra quase escrava,

Intrépida e valente ela o tentava
 Ao ruflar dos clarins e dos tambores!...
 Do pai fugira valorosa e brava,
 Desprezando tristezas e amargores.

Ei-la na guerra... Luta na porfia
 Da liberdade eterna... Assim Maria
 Combatê sempre, cega pela glória...

E revivendo agora do passado,
 O seu nome aparece imaculado
 Enriquecendo as páginas da História!

Como preito de gratidão, foram distribuídos profusamente exemplares do retrato da nossa heroína.

Pelo seu raro patriotismo, pelo denôdo e heroísmo demonstrados nos mais renhidos combates em prol da nossa emancipação e pela maneira honesta como soube portar-se durante tôda a refrega, Maria Quitéria de Jesus impõe-se ao respeito e veneração de todos e o seu nome deverá ficar indelêvelmente gravado nas páginas da História do Brasil.

O então ilustre Sr. Ministro da Guerra, Gal. Espírito Santo Cardoso, na clarividência do seu elevado espírito de justiça, determinou oficialmente que as corporações militares do País colocassem em seus Salões de Honra o retrato de Maria

Quitéria de Jesus, promovendo, ao mesmo tempo, para militares e civis, conferências demonstrativas do seu incontestado valor patriótico. Ato de magnânima justiça a que se vem solidarizar a CASA DE JUVENAL GALENO e a sua ALA FEMININA ora promovendo esta expressiva hora de civismo em que tributa o seu maior respeito e admiração à imortal heroína brasileira, de quem afirmou o erudito historiador Bernardino de Sousa: "O nome de Maria Quitéria de Jesus é digno de figurar no Panteão da Pátria, entre os aplausos da História e a veneração dos pósteros."

B I B L I O G R A F I A

- "Brasileiras Célebres" — Joaquim Norberto de Sousa
"Grandes Vultos da Independência Brasileira" — Visconde de Taunay
"Precursoras Brasileiras" — Barros Vidal
"Biografia de Maria Quitéria de Jesus" — Fernando Alves
"Maria Quitéria" — Pereira Reis Junior
"Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia" — Volume Comemorativo da Independência.
Conferência do Prof. Bernardino Carneiro de Sousa
Conferência do Prof. Manuel Querino.

(Conferência realizada na "Casa de Juvenal Galeno" em homenagem ao ilustre General Humberto Castelo Branco e Exma. esposa, D^a. Argentina Viana Castelo Branco, em maio de 1945).